



A Missão Mascared em Lisboa: Madame Albert Niclausse, mademoiselle Germaine Niczusse e madame Mesmil, algumas das senhoras que acompanharam os excursionistas

N.º 374 Lisboa, 21 de Abril de 1913

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLÓNIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Ilustração
PORTUGUEZA

Director e Proprietário: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSE JOUBERT CHAVES

Redacção, Administração e Officina de Impressão

**FARINHA
LACTEA**

NESTLÉ

ALIMENTO COMPLETO
para crianças e pessoas
edosas.

GRATIS AOS HERNIADOS

Um methodo simples que tem curado centenas de pessoas, sem Dôr, sem Perigo, sem impedir o trabalho e sem perda de tempo

OFFERECER-SE A TODOS UMA EXPERIENCIA GRATUITA

A hernia (quebradura) é curavel sem operação, dôr, perigo ou perda de tempo. Quando fizermos curavel, não queremos dar a entender que a quebradura possa unicamente reter-se, mas sim que se effectua uma cura que permite deixar de usar funda.

A fim de levar a todos o convencimento de que a nossa descoberta pode effectivamente curar, pedimos que façam uma experiencia, que nada lhes custará. Curar significa fazer cessar todo o soffrimento, augmentar o vigor physico e mental, a facilidade de gosar de novo as delicias da vida e muitos annos de bem estar e satisfação acrescentados á vida. Offerecemos gratuitamente uma amostra do nosso tratamento, que tem curado em centenas de casos.

Não é necessario mandar disegni; basta preencher o coupon que se segue, indicando no desenho a posição da quebradura, e mandá-lo ao coupon. Ninguém deve descurar, um só dia, este importante assumpto, nem continuar a alimentar-se com fundas compradas fritas, baratas e communs.

Esta offerta é a mais equitativa que se tem feito e todos os que padecem de hernia a deveriam aproveitar immediatamente.

COUPON (S 161.)

Marque-se n'esta illustração a posição da quebradura e responda-se ás perguntas. Em seguida corte-se o coupon e mande-se ao **Dr. W. S. Rice, 8 e 9, Stonecutter Street, Londres, E. C.**



Que idade tem?

incommoda-o a quebradura?

Usa funda?

Nome

Domicilio



Comprem os Bordados
Schweizer

que vendemos franco de porte a domicilio directamente da Suissa

BLUSAS
Desde frs. 5.80

VESTIDOS
Desde frs. 15

VESTIDOS PARA CRIANÇA
Desde frs. 6.75

do melhor bordado suizo, sobre batiste, voile, tulle, crêpon, marquissete, lã e sobre sedas novidade.

PEÇAM AMOSTRAS E FIGURINGS FRANCO

Os nossos vestidos bordados, se vendem sem confeccionar mas enviamos os padrões cortados para todos os ossos modelos e em todas as medidas a quem os pedir.

SCHWEIZER & C. I.E
LUGERNE A 22 (Suiss.)

SELLOS E ALBUNS PARA COLLEÇÕES

300

TH. I.EMAIRE
10, Avenue de l'Opera
PARIS

A mais importante casa franceza.

Stock immenso em sellos raros, medios e communs.

Remessa á escolha contra boas referencias.

Catalogo completo 2 fr. 90 franco.

Gratis e franco Le Journal des Philatélistes, que dá em cada numero uma lista d'ocassioes excepcionaes a preços sem concurrencia. A casa paga os mais altos preços e deseja comprar colleções e stocks de qualquer qualidade em importancia.

Piperazina
MIDY
cura
Gota,
Reumatismo,
Areia.
Exijir a Marca
MIDY PARIS

Comprem as Sedas Suissas



Peçam as amostras de nossas novidades de primavera e verão para vestidos e bluzas: Crêpe de Chine, Eolène, Voile, Foulards, Messaline, Mousselin: 120 cm largo desde Francos 1,25 o metro, em preto, branco e cor, bem como das bluzas e vestidos bordados em batista, lã, tela e seda.

Vendemos as nossas sedas de solidez garantida directamente aos particulares e franco de porto no domicilio.

Schweizer e G^a, Lucerne E 12 (Suissia)

Exportação de sedas - Fornecedores da Corte.

VERDADEIROS GRAOS DE SAUDE DO D^r FRANCK
CONTRA PRISAÇÃO DE VENTRE
115 ANOS D'EXISTENCIA



VERASCOPE

Venda por Atacado: 25, rue Malingue, }
Venda á retalho: 10, rue Halévy, } **PARIZ**
Envio franco do Catalogo (gratis)

RICHARD



Exigir a Marca
A venda nas principais casas de artigos photographicos.

A PHOTOGRAPHIA DE TUDO PARA TODOS



Illustração Portuguesa

11° 574

21-4-913

CONTO DO Morbihan

CARTA A UM ADVOGADO

Como quer que lhe conte uma historietta amavel, e eu não tenho adrede nenhuma na pobreza da minha imaginação já ronceira, vou dizer-lhe uma velha lenda do Morbihan, que acabo de encontrar num livro cheio de traça—e que, a par da leveza e do pitoresco que o genio do povo comunica ás suas obras, traz com o seu doce perfume, á maneira das rosas, uns espinhos de epigrama adoravel. Mas não lhe leve a mal o epigrama!

Foi o caso que Santo Ivo (seu augusto collega e patrono nas tribunas do Azul) subiu ao céu, logo que expirou, como era natural; e, chegando á larga porta estrelada—aonde, como maus pecadores, só chamuscados e muito tarde chegaremos—bateu tres lentas pancadas, chamando por S. Pedro.

—Que pretendeis, irmão? perguntou o chaveiro do céu.

—Que havia de querer! desejava entrar... Pois não teria direito ás delicias da outra vida!

O apóstolo, entretanto, parecia desconfiado; e perguntou quem ele era, qual a sua profissão na terra mesquinha e triste.

—Sou Ivo, advogado...

S. Pedro enrugou a testa e a vasta calva. Não podia abrir: no céu não entravam advogados. Era o que faltava!

Imagine, meu douto amigo, como Ivo não ficaria cabisbaixo e pensativo, êle que tanto bem fizera, que tanto ajudára os pobres da Bretanha e repartira do seu pão pelos rotos!

Resignadamente, ainda objectou que tinha sido advogado dos pobres...

—Irmão, os pobres não tem pleitos—respondou S. Pedro, com certo travor sardónico.

O outro afastou-se um pouco, a morder o beico. Aos seus ouvidos chegavam, num arrullo embriagante, as musicas de astros distantes, como um maravilhoso jardim de flores de ouro...

Sentou-se melancólico num dos vastos degraus, e de certo lhe passaria no espirito, tao sagaz, uma idea sacrilega:—que o céu era, para ele, impiedoso e injusto; e, se lhe não passou, deve-se isso a sua incorruptivel santidade.

Qual de nós, meu amigo, não ergueria uma apóstrofe deante d'essa porta fechada, que assim tolhia a liberdade dos nossos passos? Deante d'esse Eterno Juiz, que nos amardacava a boca para uma larga defesa? Qual de nós?

Ao redor, alguns astros tremiam, como frutos a arder d'esta grande arvore da Vida; outros zumbiam ao longe, num claro enxame... E santo Ivo comparava-os ás abelhas da sua terra, e lembrava-se dos cortiços que desde moço crestára para dar mel aos mendigos. A sua vida terrena passava-lhe nos olhos místicos, como nas impressões d'um cosmorama imensamente saudoso: o fecundo bem que fizera, as causas que defendêra, para que a innocencia saísse, branca como uma linda ave liberta, das enxovias, das geenas tenebrosas. Depois, já padre, ele via, sem vaidade e com enternecimento, que não fôra inutil a sua vida, de egismo ou de covardia, como rio turvo que vai rolando sobre seixos e areias—mas limpida, abundantemente benéfica, e, como a do sol, manto para todos os infortunios e para todos os vencidos. Eloquentemente, dialectico, ele quizera argumentar ainda—mas o céu continuava-lhe defeso e misterioso. Ao longe, como sendaes transparentes que lhe dissessem adeus, as nebulosas recordavam-lhe as velas errantes da sua Bretanha, por noites de limpidez religiosa, na baía azulada de Quiberon...

Mas não tardou—diz a lenda—que chegasse uma freira á grande porta estrelada, muito emaciada e velhinha, que logo reconheceu o santo admiravel. Vinha curva dos anos.

arrimada a um bordão florido de açucenas. Ia S. Pedro dar-lhe entrada; ela pediu-a também para Ivo. S. Pedro, sem levantar os olhos do vasto livro hebraico, retorquiu-lhe:

—Irmã, no céu não podem entrar advogados!

Docemente, a religiosa arriscou que lhe parecia injusto...

O apóstolo teve um certo rictus no rosto pálido—como n'aquela noite e n'aquela hora gélida em que cantara o galo...

Humildemente, com palavras de prece, a velhinha explicava que este era Santo Ivo: todos lh'o chamavam na terra. Suas virtudes eram tantas como as areias do mar, que não teem conto; o seu nome era um mel em todas as bocas famintas. E era padre—pastoreara na Bretanha. A sua bênção, nas terras necessitadas, fazia medrar as searas; os passaros vinham-lhe poisar nos ombros, cantando... Advogára, era certo, mas não ganhara um ceitil; pleiteára a favor dos humildes, dos primidos, de todos sobre quem pendia a injustiça eterna dos homens!

Então S. Pedro, erguendo os olhos negros do velho livro considerável, acolhedoramente sorriu—e abriu, de par

O santo da Bretanha entrou com a doce freira. Mas logo um deslumbramento lhes emperrou os passos—e dois querubins, lindos e frescos como os nossos cravos, vieram indicar-lhes os logares da ventura. Santo Ivo foi para o lado dos advogados—em completo abandono; mas do lado das monjas a multidão era tal, que a sua boa companheira não achava lugar.

E o santo chamou-a:—Porque não vinha para ali, para perto d'ele, onde não havia mais ninguém?!

E a boa monja foi. E durante algum tempo ficaram os dois num silêncio extasiado. A luz era doce como um beijo divino; cheirava a flores inebriantes, como em certos sonhos felizes da adolescência; e uma harpa (certamente a de Santa Cecília) enchia de ternura aquele canto do céu.

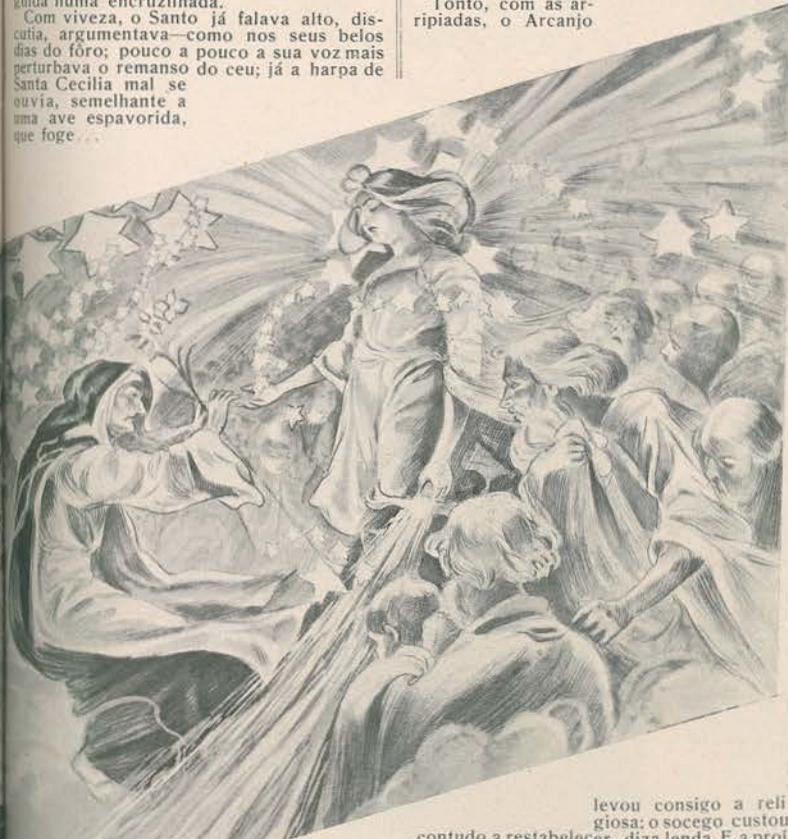
Mas não tardou que o santo, já parolheiro, perguntasse á companheira

verdade e da lei fôra escutada! E a monja falou-lhe d'um pescador, a quem o Santo, desdenhando um erro judiciário, livrara, numa florida madrugada de maio, da força já erguida numa encruzilhada.

Com viveza, o Santo já falava alto, discutia, argumentava—como nos seus belos dias do fóro; pouco a pouco a sua voz mais perturbava o remanso do céu; já a harpa de Santa Cecília mal se ouvia, semelhante a uma ave espavorida, que foge

vel, na verdade. Sairia, mas á força, e era processo para muitos anos! E um processo magnifico! Que processo!

Tonto, com as arripadas, o Arcaño



Então alguns *chiuss!* se escutaram—tal e qual, meu amigo, nas palavras e futeis

trêmidos cá de baixo. Anciões de barbas venerandas erguiam as cabeças ascéticas, embebidas em extase; e um arcaño, com o seu montante de luz, deslisou, batendo as asas cieras—para fazer

ser saber ao santo que não eram permitidas lhas discussões e garrulice;—aliás seria obrido a abandonar o Paraíso!

Mas o santo não cedeu, enlaçando subtilmente mil razões jurídicas. Abandonar o céu! Era muito boa aquela! Em que lei se fundava o arcaño? E o direito de posse?

Em pé, citava textos, gesticulava, reclamava códigos. Declamava alto, com eloquência e argúcia. Uma balburdia respeitá-

leveu consigo a religiosa; o socego custou, contudo, a restabelecer, diz a lenda. E a prolição foi, desde, então terminante: nunca mais um advogado entraria no céu! Nunca mais!

Santo Ivo, abandonado no seu lugar, e sem ninguém lhe dar trela, teve de recolher-se, contrariado, áquele silêncio, que quasi sempre é de ouro n'este mundo—é que só eie, ha tantos seculos, conseguiu quebrar na bem-aventurança.

Aqui tem, meu amigo, uma das lendas de Santo Ivo, com o seu quê de apólogo—grave para nós dois. Para si talvez mais, que tanto tem advogado: o seu caso está bem assente nas regiões misteriosas. Perca d'al' o sentido!

Para mim, que venho também a garrular em letra redonda, quem sabe o que me espera, se, depurado das minhas grandes culpas, um dia chegar a bater tres pancadas na longinqua porta do céu!...

Palmira Bastos

As revistas do ano, como Sousa Bastos as sabia fazer, tiveram, durante tempo, como uma indispensável colaboradora do seu exito, Palmira, a encantadora interprete de tudo quanto n'elas havia de delicado e de gracil.

Não é a atriz dos «doubles sens» que as platéas populares aclamam, é, antes, a artista que dá ao trabalho uma linha que a critica tem forçosamente de aplaudir, mesmo quando discorda dos detalhes. Inteligente, viva, aprende rapidamente a personagem e só assim se compreende como 'ela, com o intervalo de poucos dias, pôde interpretar e admiravelmente, pois d'outro modo facil é a qualquer fazel-o, os mais descontraídos feitiços de mulheres, exteriorizados no palco. Todo esse repertorio da «opereta», que se pôde dizer

agora, n'um atrevimento, classico, desde a «Nitouche» á «Mascote», dos «Sinos» aos «28 dias de Clarinha», ela representou com exito; a musica d'Auber e de Planquette, cantou-a com a mais extraordinaria intenção e, durante anos, as platéas viram-na ser a religiosa, a guardadora de perus, a ro-

mantica Clarinha com o mesmo entusiasmo e o mesmo amor.

A «Gran Duqueza de Gerolesten» que qualquer empreza devia pôr em cena, porque essa peça jámais envelhece, não se olvidava interpretada por Palmira Bastos tendo n'esse papel quadrado muito ao seu temperamento.

Aquelas alternativas de comico e de grave nenhuma atriz deu melhor do que ela. Um dia enveredou para o drama e mostrou-se sobria, natural, humana.

No seu regresso á «opereta» moderna, aos endiabrados e singulares entrechos de Franz Lehar e dos seus imitadores, desde a «Viuva Alegre» á «Dama Roxa», a distinta atriz tem sido uma tão bela interprete d'esse repertorio que, como no tempo das revistas do ano,

se pôde dizer ser ela um elemento essencial para o seu triunfo entre nós.

Palmira Bastos acaba de fazer a sua festa artistica, no teatro da Trindade, com uma peça d'este genero, intitulada «Querido Agostinho», no meio do geral agrado e das mais merecidas manifestações de simpatia.



A illustre atriz Palmira Bastos

O rei de Hespanha

Um anarquista tenta assassina'lo

Afonso XIII é, dos soberanos, aquele que mais vezes tem sentido de perto a morte. Na sua primeira viagem a Paris vê cair a seu lado um capitão de couraceiros e al-

guns soldados atingidos pelos projeteis que lhe eram destinados; no dia do seu casamento, da janela do unico prédio que sua mãe possui em Madrid, uma bomba abriu uma clareira no cortejo. Morreram algumas pessoas, ficaram feridas umas trinta e o rei, de pé, um pouco pallido, entre aquele tumulto, diante dos feridos, dizia, com um sorriso ser aquilo os ossos do seu officio de soberano.

O rei de Hespanha, porém, não perde o aprumo; cumpre bravamente o seu dever. Ha poucos mezes mataram o seu primeiro ministro e ele, sem receio, seguiu, a pé, atraz do seu coche mortuario, prestando uma homenagem e dando um exemplo.

Em 13 de abril, o soberano, á volta do juramento de bandeiras no campo de Carabanchel, foi novamente alvo d'um atentado que o

deixou ileso, devido ao sangue frio com que fez empinar o cavallo, o qual recebeu a bala disparada contra o cavaleiro. Defronte do Banco de Hespanha, na calle d'Alcalá,

saindo da multidão, o anarquista Ancho Alegre, atirou-se contra o rei, disparando os tiros que apenas lhe chamuscaram uma luva. Apeando-se rapidamente, Afonso XIII soltou vivas á Hespanha, emquanto a multidão pretendia linchar o criminoso, preso pelo agente de segurança Vicente Canaleda.

— Não é nada meus senhores, exclamou o moço ressaltando com verdadeiro denodo, novamente para a seila. D'ái a pouco, no paço, entre as rainhas sua esposa e sua mãe, narra a tranquilamente o sucedido, emquanto o anarquista, que é um

epileptico, se dizia sem cumplices e confessava a sua premeditação, ao saber o rei ileso. A multidão, n'uma grande manifestação de simpatia, desfilou diante do palacio do Oriente a saudar o soberano que mais vezes tem sido alvo de tentativas d'assassinio.



Um dos ultimos retratos do rei de Hespanha Afonso XIII



O agente Rafael Guijarro, que foi ferido por um tiro do anarquista.



O anarquista Rafael Sancho, que atentou contra Afonso XIII



O guarda Vicente Lanelleda, que foi quem primeiro agarrou e desarmou o assassino.

Foram tambem presos um francez chamado Peixe e um alabardeiro reformado.

O primeiro estava ao lado do anarquista, na fila do povo, e o segundo, ao saber que o rei escapara, avancara comovidamente para ele, a fim de o ovacionar.

Pouco depois dos interrogatorios, eram postos em liberdade, visto ter-se

provado a sua innocencia.



A chegada do anarquista á chefatura de policia

Os agentes de policia, Canaleda, que foi o primeiro a agarrar Sancho Alegre, Guijarro, que ficou ferido e Francisco Fernandes, que se conservou ao lado do rei, receberam gratificações do soberano que, dentro em pouco, ia passear com a rainha sua esposa para o campo.



O povo, manifestando-se entusiasticamente diante do palacio do Oriente, depois do atentado. Na janela, Afonso XIII e a rainha, entre os officaes de serviço e dignitarios palatinos, agradecem comovidamente. (Clichés Louis Hugelmann).

CRONICA

A cronica, velho sumario jornalístico, aparece hoje na «Ilustração» sob uma nova fórma, a do comentario impressivo a idéas e a factos, precedido do enunciado rapido d'esses factos ou d'essas idéas. O leitor moderno lê «à la minute»: vinte linhas são sufficientes para encontrar um aspéto novo, marcar uma figura, comentar uma iniciativa ou fixar um acontecimento.

MADRID, 13.— Na rua de Alcalá, um epilético, talvez instrumento de associações secretas, alveja com tres tiros de revolver o rei de Hespanha, que fica apenas com uma lufa chamuscada.

Pela terceira vez, Afonso XIII sae ileso d'uma tentativa de regicídio. Vendo aproximar-se um homem e fulgurar ao sol o cano d'um revolver, o rei de Hespanha empina o cavallo, atira-o para cima do agressor, derruba o,—e salva-se. N'aquella creatura doente, fransina, palida, Habsburgo típico, sombra do Filipe IV de Velasquez que uma sabia educação física mantem de pé,—ha uma admiravel energia, uma decisão pronta e viril, e o *panache* d'uma grande alma hespanhola. Acompanha-o a simpatia comovida de um povo inteiro,—cuja bravura, cuja paixão e cujo exagero brilhante a sua figura moral sintetisa. Ainda d'esta vez a sentença—se sentença houve—não se cumpriu. Mas o perigo mais terrível que ameaça n'este momento a existencia de Afonso XIII, não está na bomba do primeiro libertario ou no revolver do primeiro epilético que se lembrem de o suprimir. O grande regicida que exterminará o rei de Hespanha, está dentro d'ele proprio: é a tatalidade da raça, é a herança morbida, é a bacilose paterna, é toda a casa d'Austria, são os mortos que resurgem dentro d'ele, que já lhe deram um filho surdo-mudo, e que—esses sim—executarão a sua inexoravel sentença sem que Afonso XIII possa alistar-lhes para cima as patas do seu cavallo.

JOGO.— Entra em discussão na Camara dos deputados o projeto de regulamentação do jogo, aprovado pelo Senado.

Os que argumentam a favor, dizem:—que regulamentar o jogo, equivale a regulamentar o crime; que os Estados teem, como os individuos, a sua moral, e que, o jogo é atentatorio da moral do Estado; que para atrair o *touriste* a Portugal, basta crear bons hotéis e construir boas estradas; que o jogo, fomentando conflitos de interesses entre localidades, seria um elemento constante de perturbação; que, mesmo admitida em principio a regulamentação, o projeto do Senado não defenderia sufficientemente os interesses do paiz. Os que argumentam contra, dizem:—que o jogo dos casinos é tão imoral como o jogo de Bolsa ou como as loterias; que se as loterias se justificam pela applicação do seu produto a fins de caridade, tambem o jogo regulamentado poderia justificar-se pela applicação do seu produto a fins de instrução; que o jogo é um fator de progresso economico pela mobilização de capitales accumuladas e pela atração dos capitales estrangeiros; que a prohibição do jogo seria a morte das praias e das estações termas e climatéricas; que toda a gente tem o direito de se arruinar como quiser.

FEMINISMO.—O deputado sr. Ramada Curto apresenta no Parlamento um projeto de lei no sentido de tornar extensivos á mãe todos os direitos que as leis em vigor concedem ao paiz, pondo os dois conjuges em egualdade de circumstancias, quanto ao exercicio do patrio poder.

As mais justas reivindicações da Eva moderna, que agora perdeu um pouco a cabeça com

lady Pankurst e com o sufrágio inglez, são precisamente as que dizem respeito á mulher-mãe: criação de maternidades, proteção ás grávidas e puerperas pobres,—e egualdade de direitos do marido e da mulher á posse e á educação dos filhos. E' curioso notar que o deputado que apresentou o projeto á Camara,—é um dramaturgo. E a nota é interessante, por ter sido precisamente no teatro, pela voz dos poetas dramaticos, que as reivindicações femininas se teem feito ouvir com mais decisiva eloquencia. A obra de Ibsen, de Strindberg, de Tolstoi, de Gorki, de Hervieu, de Brieux, está cheia d'esta verdade irrecusavel: o maior defeito das leis que respeitam á mulher, é o de terem sido feitas exclusivamente pelo homem.

VIDA INTELLECTUAL.— Os srs. Malthew Dias, João de Barros, Manoel de Sousa Pinto e professor Ruy Teles Pahlina realisam conferencias publicas, sobre: a espada ao serviço da honra e do amor; a mulher helénica; a alegria de viver nos modernos poetas portuguezes; e a importancia economica da arvore.

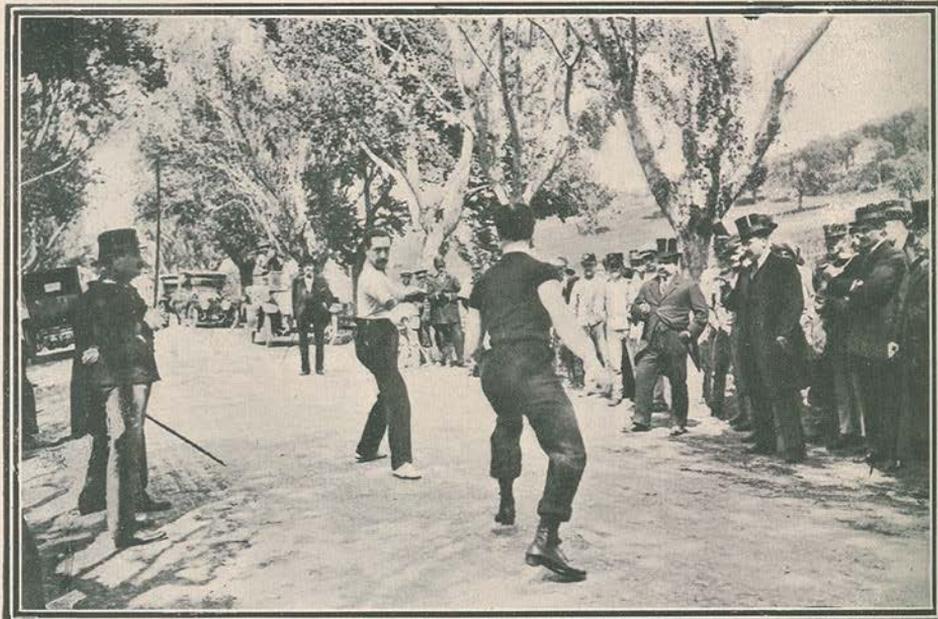
Uma das mais interessantes características do homem de letras foi sempre a sua invencível timidez. Cheio de audacias intellectuaes no silencio do seu gabinete,—um pequeno auditorio era sufficiente para o perturbar. Fialho d'Almeida, por exemplo. Conversador admiravel, dotado d'uma singular *verve* de improvisação, tendo o poder de fazer tilintar as frases como cimbalos d'oiro,—era entretanto, mercê de inibições nervosas não corrigidas pela educação da vontade, absolutamente incapaz de falar em publico. Agora, parece que a timidez dos homens de letras tende a desaparecer. Começam a defrontar-se com a multidão e a comunicar com ela. As conferencias succedem-se, sobre os mais variados assuntos,—e com manifesta atenção publica. Mas, não será essa facilitação excessiva prejudicial ao successo do escritor? Não desfará ella a atmosfera de perturbadora curiosidade que deve envolver o poeta e a obra para que seja completo o seu triumpho? A exhibição do autor d'hoje, — não prejudicará o livro d'amanhã?

INICIATIVAS.— Um escritor, o sr. Sousa Costa, e um pintor, o sr. Carlos Reis, lançam a idéa da instituição de uma casa de repouso e de asilo para a velhice de escritores e de artistas portuguezes.

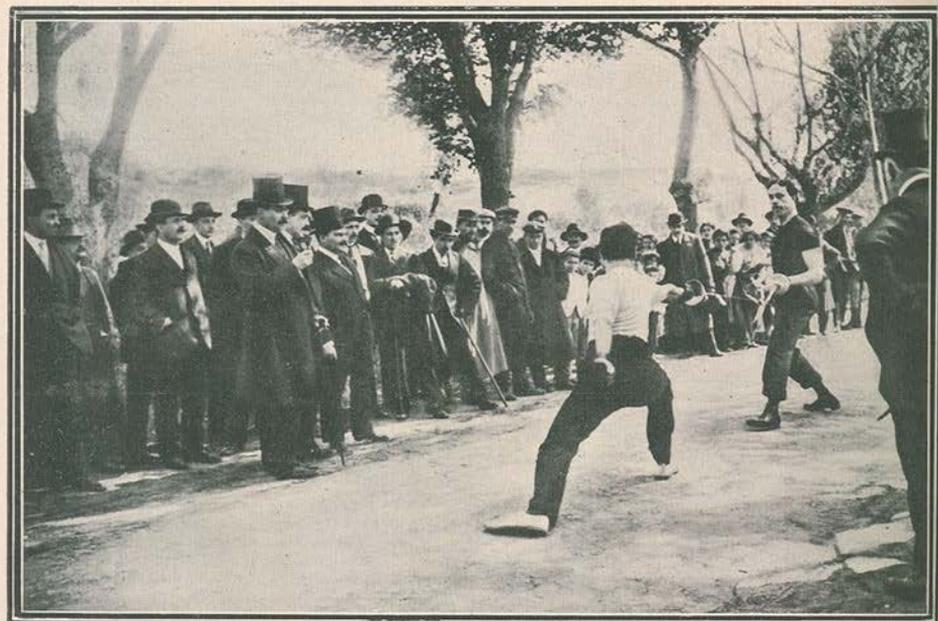
Amparar a velhice dos poetas é um gesto nobre e generoso. Mas é preciso saber amparar,—sem a maguar. A dificuldade maior da efetivação de semelhante idéa não está ainda na cedencia de um edificio publico ou na realisação de capitales: está na necessidade de rodear de tanto carinho, de tanta dignidade e de tanta beleza essa proteção e esse amparo,—que a casa de repouso para Poetas sie não semelhe, nem de longe, a um asilo, a umia clausura ou a um hospital...

Juillo Dantas.

O duelo Carlos Gonçalves — Antonio Osorio

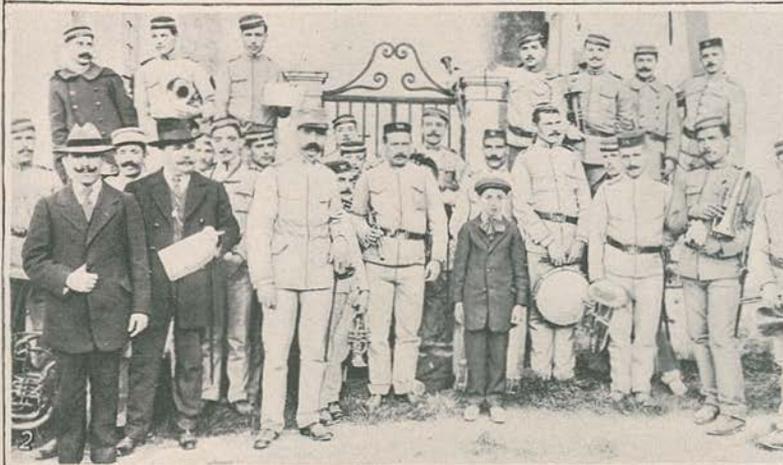


Uma das fases do duelo entre o sr. dr. Antonio Osorio e o mestre d'armas sr. Carlos Gonçalves, realizado na estrada da Ameixoeira que causou uma grande sensação nos meios desportivos. Ao cabo de um brilhante ataque, o sr. dr. Osorio ficou ferido no ante-braço direito.—(Cliché de Benoiel)



Cutra fase do duelo na qual se vê á esquerda o juiz de campo sr. Veiga Ventura de espada desembainhada.— Cliché J. J. J.

Ainda a festa da arvore



1. No Eixo: O orfeon infantil que tomou parte na festa e que foi ensaiado pelo sr. Amadeu Sant s.
2. No Eixo: A banda d'infantaria 24 que acompanhou a cerimonia da festa da arvore.
(C iches dos srs. Manuel Abreu)—3. Um aspêto da festa da arvore na Marinha Grande.



1. A plantação d'um sobreiro pelas creanças em Vila Franca.—2. O carro da comissão organiza'dora da festa da arvore
3. O cortejo atravessando a rua 5 d'Outubro.—(Clichés do sr. José Coutinho)



Em S. Cosme de Gondomar realizaram-se ultimamente as festas escolares da arvore, que foram revestidas de muito brilho.

O mesmo succedeu na cerimonia para igual culto feita em Alter do Chão.



1. Edifício da escola official masculina de S. Cosme de Gondomar—2. Crianças que preferiram alcuções e recitativos na festa da arvore em S. Cosme de Gondomar—3. A comissão da festa da arvore em S. Cosme de Gondomar. Sentados. Da esquerda para a direita: srs: Antonio Ribeiro da Silva Junior, tesoureiro da camara; Abilio Ferreira da Costa, regente da escola; D. Emilia Augusta Lopes de Araujo, professora da escola feminina, Artur Mendonça da Rocha, professor primario; Antonio Vieira Ramos, secretario da camara. De pé. Da esquerda para a direita: srs: Manoel Nunes Correia, ex-rep. ndente de diversas jornais; Agostinho Silvestre Cardoso, vereador da camara; Antonio Martins Fernandes, industrial e Germano Jocê de Castro, industrial—4. Em Alter do Chão: Fez-se a plantação d'uma araucaria no centro da praça, tendo-se formado um vistoso cortejo que percorreu as principaes ruas da vila, incorporando-se n'ele a filharmonica Alterente.



O sr. dr. Teófilo Braga, perante a Câmara dos Deputados, de que faz parte, expõe, do alto da tribuna, no dia 8 do corrente, o que se passou acerca de uma entrevista com ele, publicada n'um jornal monarchico, sobre a nossa representação diplomatica, e á qual a imprensa se tem referido com largueza e insistencia. O illustre professor, que dias antes tambem trocára impressões sobre o mesmo assunto com

O DR. TEÓFILO BRAGA NO PARLAMENTO

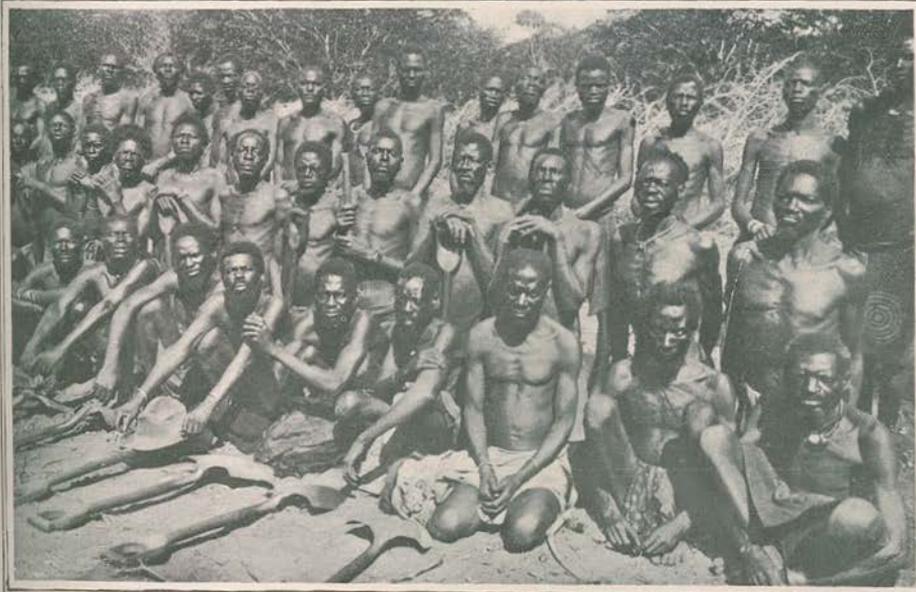
um redator do *Seculo*, publicando este jornal com essas impressões a primeira entrevista, afirma que não esperava a publicação de uma segunda entrevista, e muito menos nos termos em que saíu, pois que considerava de caracter particular a conversa em que ella se originou. Ao entrar na sala das sessões o sr. dr. Teófilo Braga, saíram os deputados unionistas e independentes.
(Cliché de Benoliel)

VIDA COLONIAL

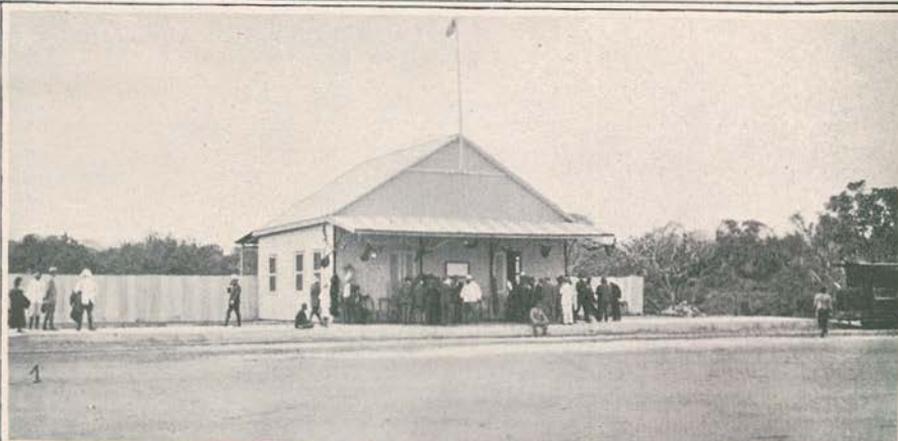
O caminho de ferro de Gaza



1. Um troço da construção da linha.



2 Um grupo d'indigenas já quasi todos inutilizados pela idade para o serviço de excavações, cargas e descargas.



As nossas colonias teem já uma vasta rede de caminhos de ferro que tende cada vez mais a desenvolver-se.

Atravez os sertões lá vão os trabalhadores lançando as linhas que a outros pontos mais civilizados se ligam fomentando assim o



comercio das varias localidades.

O caminho de ferro de Gaza tem atualmente cincoenta e tres kilometros em construção. O seu modelo é de via 0,75 entre carris.

A media do rendimento mensal é de tres contos e quinhentos mil



1. Chegada do alto commissario da Republica á estação Freire d'Andrade, quando foi inaugurada a linha entre esta estação e Banbine—2. Outro trecho da via em construção—3. O assentamento da via ferrea.

réis, por emquanto, mas tende a crescer com o desenvolvimento da via ferrea em construção.

Foi o condutor de 1.^a classe sr. Correia de Brito quem estudou e

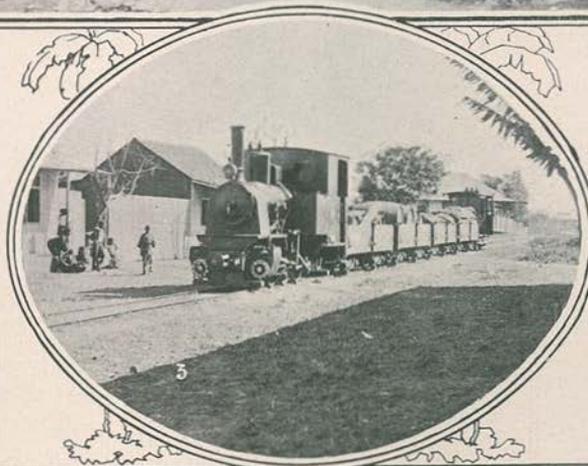


pezas a construção do troço que ainda falta não deve exceder quatrocentos mil réis por kilometro, o que é um verdadeiro prodigio muito para atender.



construiu a linha que hade dar admiraveis resultados, sendo digno de todo o elogio o aturado e consciencioso trabalho d'aqule abalizado tecnico.

Com todas as des-



O caminho de ferro de Gaza é um dos mjaís belos melhoramentos das nossas possessões, devendo pela sua importancia, dar grandes vantagens comerciais á vida da região.

1. Um comboio de passageiros chegando á estação Freire d'Andrade—2. Um comboio de passageiros, vindo do Transvaal, chegando á estação Freire d'Andrade, que fica á esquerda da locomotiva—3. Comboio de mercadorias, junto á estação provisoria de Chai-chai.

Orfeon de Lisboa



Sr. Dr. Antonio Joice, regente efetivo do orfeon.

Antonio Joice, que foi em Coimbra um diretor modelar do Orfeon ressuscitado por sua iniciativa, ao acabar a sua formatura, tentado pela arte que tanto prende o seu espirito, desejou fundar entre nós um grande orfeon.

O Orfeon de Lisboa, assim se



2. Sr. Ernesto Vieira, presidente do conselho artistico.



4. Sr.ª D. Elisa Batista de Souza Pedroso, vogal do conselho artistico.—5. Sr.ª D. Sara Mota Marques, vogal do conselho artistico.



3. Sr. Alexandre Ferreira, presidente do conselho administrativo.



6. Sr. Pedro d'Oliveira Pires, presidente da assembleia geral.



Sr. Antonio Lamas, diretor do arquivo musical.

intitula a nova agremiação de artisticos intuitos, de educação e recreio, encontrou desde logo o pronto acolhimento de todas as entidades a quem interessa esse genero de arte, que conta alguns distintos e apaixonados cultores.

O joven e distintissimo amador procurou os seus auxiliares em todas as classes, começou por fazer um ensaio parcial que ha-de dar excelentes resultados, para demais tendo a auxilial-o a competencia de alguns dos nossos mais



Sr. Miguel Angelo Lambertini, vogal do conselho artistico.

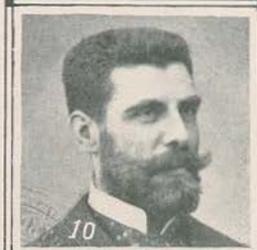
eximios musicos e dos mais conhecidos amadores que fazem da sua paixão como uma sentida religiosidade. Senhoras da nossa melhor sociedade, de nomes já illustres pelas festas musicas

Entre essas illustres senhoras estão as distintas amadoras sr.^{as} D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, D. Sara da Mota Vieira Marques, madame Alfredo Bensaude e D. Adelaide Lima Cruz, cujos



dadas nos seus salões e pelo carinho com que tratam as vocações artisticas, logo se dedicaram entusiasticamente a essa idéa de Antonio Joice e dos seus

meritos, ligados aos dos dirigentes da nova agremiação, são a garantia de que a excelente idéa ha de progredir e triunfar no nosso meio, como



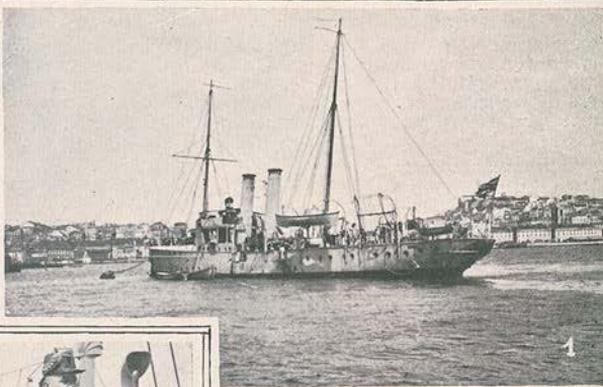
1. Sr. Manuel Ribas Potao, 1.^o secretario da assembleia geral.—2. Sr. Antonio Mayer Guerreiro, professor de aperfeiçoamento vocal.—3. Sr.^a D. Adelaide Luiza Cruz, vogal do conselho artistico.—4. Sr. Miguel Ferreira, secretario do conselho artistico.—5. Sr. dr. Afonso d'Almeida Serra, vogal do conselho administrativo.—6. Sr. dr. João de Barros, vogal do conselho artistico.—7. Sr. Alexandre Rey Colaço, vogal do conselho artistico.—8. Sr. Pedro Blanch, vogal do conselho artistico.—9. Madame Alfredo Bensaude, vogal do conselho artistico.—10. Sr. Domingos d'Oliveira, secretario do conselho de administração.

amigos, completando com a sua vontade e merecimento o nucleo instalador do Orfeon de Lisboa.

bem merece pelos fins que tem em vista, pelas vantagens que ha de trazer para o futuro da arte do canto entre nós.

A canhoneira alemã «Heber», no Tejo

Esteve no Tejo a canhoneira alemã «Heber», que é um barco do tipo da celebre «Panther», que o nosso porto viu quando a volta da sua passagem por Agadir no periodo de exacer-

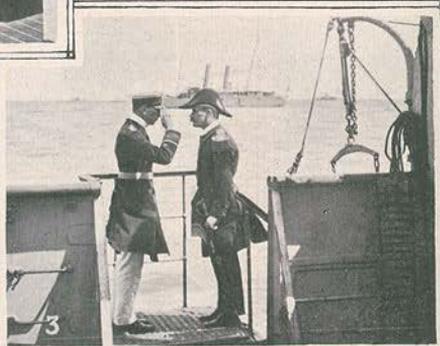


1. A canhoneira *Heber*, no fundeadouro, antes de receber a visita do delegado do sr. ministro da marinha.



2. O consul interino da Alemanha em Lisboa: a com o comandante da *Heber*, sr. Neise Wassner, no dia da chegada do navio

bamento entre a Alemanha e a França. O comandante da «Heber» é um novo mas ilustre oficial da marinha imperial; tem a patente de capitão de fragata o sr. Neise Wassner,



3. O sr. Ladislau Parreira, comandante do *Vasco da Gama*, cumprimentando o comandante da canhoneira—4. Trabalhos a bordo pelos marinheiros da *Heber*. (Clichés de Benollel)



do, por parte do ministro da marinha, o 1.º tenente, sr. Carvalho Jaques, a pagar a visita feita ao sr. Freitas Ribeiro pelo comandante da «Heber» e na qual ia acompanhado pelo sr. Eivald Nagassen, consul interino da Alemanha em Lisboa.

NO PORTO FOOT-BALL E TIRO AOS POMBOS



Se apareceram cultores do sport, logo surgiram tambem muitos apaixonados espectadores e, d'este modo, as festas desportivas na cidade invicta são verdadeiras reuniões escolhidas, onde atentamente se seguem as peripécias das lutas e dos torneios.

Foi o que succedeu ainda ha dias no campo de «foot-ball», onde os jogadores lisboetas do

Um trecho da assistencia.

No Porto tem-se desenvolvido o sport d'uma maneira admiravel. A bela cidade do norte quando deixa de lidar, no seu dia de folga, não se prende na inutilidade. O sport tenta-a, arrastaa, subjuga-a, porque esse genero de diversão é ainda uma coisa util que agrada ao espirito positivo e trabalhador do portuense.

Assim se explica que, n'um curto espaço de tempo uma grande quantidade de associações desportivas tenham surgido na capital do norte, prosperado e desenvolvido, dando os melhores resultados. O Porto construiu um hipodromo, um velodromo, campos de «foot-ball», de tenis, de tiro aos pombos, que rivalisam vantajosamente com os de Lisboa e n'eles os mais conhecidos «sportsmen» teem disputado vitorias por entre os aplausos entusiasticos da assistencia



O Foot-Ball Club do Porto, que disputou o jogo com o Sport Club Imperio de Lisboa

Club Imperio foram bater-se com o Foot Ball Club, do Porto, disputando-se renhidamente a vitoria.

Este club venceu por um «goal», recebendo calorosos aplausos do publico que enchia o recinto.

D'aí a dias o Club dos Zecas, que se fundou no Porto ha dois anos e que tomou um grande incremento, reallisou o seu segundo toineio de tiro aos pombos.



1. Os jogadores do Sport Club Imperio de Lisboa.
2. Uma defeza do goal keeper do Foot-ball
Club do Porto.

n'uma quinta da rua do Heroismo,
sendo distribuidos muitos premios pe-
las senhoras que assistiram a essa
prova esplendida, na qual receberam



3. Outro aspéto da assistencia que reguou curiosamente as fases do jogo.



as primeiras classificações os srs. Erid Reid, Alvaro Barreto Costa, Julio Andrezen, Alfredo Ribeiro, Jaime Pinto das Neves, Alfredo Cunha, Domingos Carvalho, Manuel-Pimenta, Alves Mendes, Anto-



rio Bessa, Manuel Barreto Costa tenente Julio Caldeira, Antonio Pinto das Neves Junior, Carlos Passos, Joaquim Vaz Pinto, Manuel Azevedo, Eduardo Torres e Mario Barreto Costa.



1. No tiro aos pombos, no campo da rua do Heroísmo: Espectadores interessados nos tiros—2. O tenente sr. Julio Caldeira, visando os pombos—3. O júri do tiro aos pombos: À esquerda para a direita srs. Eduardo Torres, José Brandão e Antonio Bessa—4. Durante a distribuição de premios. (Clichés Alvaro Martins).

○ Congresso Republicano d'Aveiro

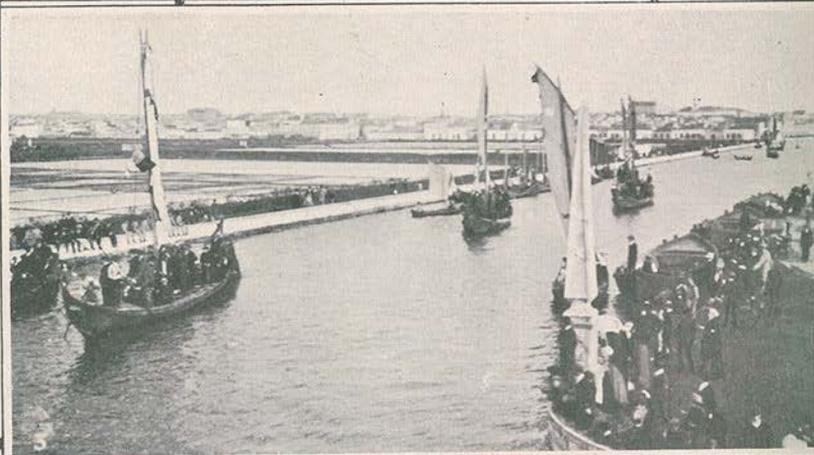


Uma das diversões oferecidas aos congressistas do partido republicano português que se realizou em Aveiro foi o lindo passeio pela ria em barcos engalanados e que deixou surpreen-



didos os visitantes da bela cidade.

Entre outras coisas votou-se no congresso contra a regulamentação do jogo e decidiu-se que a próxima reunião seria na Figueira da Foz.



1. Durante o passeio fluvial na linda ria d'Aveiro: Passagem das bateiras conduzindo os congressistas no caes das colunas.—2. O Teatro Aveirense onde se reuniu o Congresso do Partido Republicano Portuguez.

3. Durante o passeio na ria: A largada das bateiras engalanadas que levaram os congressistas.

(Clichés do sr. Carlos Pereira Cardoso)

Figuras e Factos:

O sr. Francisco Pacheco reuniu ha dias na sua esplendida residencia, alguns amigos intimos e senhoras das relações de sua familia, oferecendo-lhes, além de uma magnifica ceia, umas horas de musica encantadoras.



1 e 2—O sr. Francisco Pacheco, depois de brilhante concerto Benetó, dado em sua casa, reuniu os seus convidados na vasta sala de jantar e ofereceu-lhes uma delicada ceia.

Foi executante o distinto professor sr. Francisco Benetó que deliciou a assistencia com a sua maestria, tocando alguns belos e escolhidos trechos.



3. A chegada do sr. dr. Afonso Costa a Lisboa: O chefe do governo agradecendo as manifestações à saída da estação do Rocio—(Clichés de Bencliel)



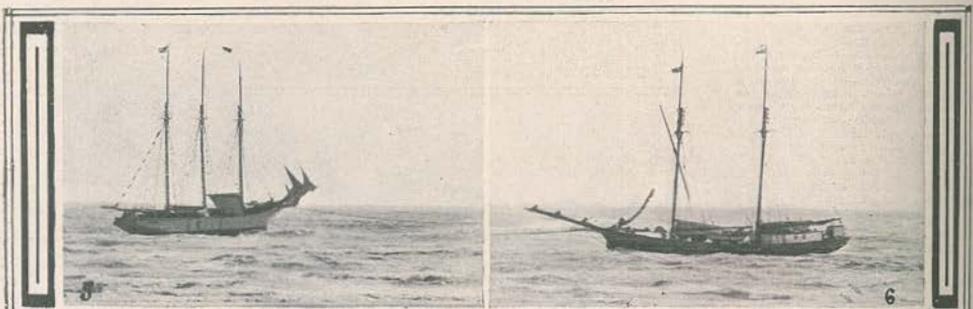
1. Sr. José Xara Brasil, importante industrial de Lisboa, falecido em 9 do corrente mez.

2. O sr. Joaquim Natuco, falecido embaixador do Brazil em Washington (1) e o sr. dr. Velozo Rebelo, 1.º secretario da legação do Brazil em Lisboa, que acaba de ser, pelos seus trabalhos literarios, eleito socio do Instituto de Coimbra (2)

3. O capitão de infantaria sr. João Francisco de Souza, novo governador civil de Viana Delgada.



4. A Marinha Grande vae ter em breve a sua creche, sustentada com o legado de 20 contos, em inscriçõer, que para esse fim lhe fez o benemerito sr. José Luiz Crespo, e graças aos patrioticos esforços da junta de parochia d'aquella freguezia que conseguiu obter a antiga casa do Club para a sua instituição.



5. Cada vez se torna mais urgente acudir á barra da Figueira da Foz p r causa dos açoreamentos que muito preiudicam o commercio do seu porto e põem em risco a vida dos navegantes. Quando a semana passada o lugre «Trombetas» (5) saía para os bancos da Terra Nova á pesca do bacalhau, encalhou. O mesmo aconteceu ao hiate holandez «Oceania» (6) quando entrava á barra.



Sr. dr. Alfredo de Mendonça David, juiz da relação de Lisboa, recentemente falecido.

O general sr. Francisco Antonio d'Araujo Sequeira, falecido em 13 d'Abril

O sr. João José Peleção, aluno do 2.º ano da Faculdade de Direito, falecido em 12 d'Abril, no Fundão

— A Labareda no "República" —

A nova peça, a *Flambée*, de Kistemaekers, traduzida pelo sr. Melo Barreto com o título de *Labareda*, com grande probabilidade no desenvolvimento da acção. O seu segundo ato, principalmente, atinge a uma das mais altas intensidades dramáticas que temos visto no teatro moderno. Quanto á sua interpretação é a mais homogênea, a mais brilhante das peças d'este ano, na acreditada cena do teatro da República, indubitavelmente o nosso maior ator, tem no papel de *Felt* ensejo de pôr em evidencia o seu poderoso talento e o vigor emociante da sua grande ar



A atriz Italia Fausto.

te, Italia Fausto, que tem notável criação no papel de *Helina*, confirmou exuberantemente todas as nossas esperanças ao aplaudil-a na *Dezoora*, peça com que se apresentou ao nosso publico. A sua arte é dominadora e empolgante nos efeitos, como sobria e natural e meticolosa nos processos. Detalha com admirável precisão e justeza, sem lhe escapar á observação a mais insignificante minucia.

Sempre á suggestiva nas situações dramáticas, sub'liga e prende o espectador, com essa communicabilidade e força emotiva que, ligando o publico ao artista, transporta-os a ambos na mesma vibração de sentimentos. É a grande arte. No segundo ato da *Labareda* vemol-a, por vezes, guindar-se com Eduardo Brazão ao mesmo superior nivel de dramatisação, e n'isto está a prova do seu grande merito.

Para os dois artistas, a *Labareda* é um triumpho, e o publico só lhes tem feito justiça com os entusiasticos applausos que lhes tem dedicado. Ferreira da Silva, o correto e escrupuloso ator de sempre, mantém o seu personagem—*Enocourt*—na linha que lhe é devida. Henrique Alves é um *Louise Lauret* cheio de espontaneidade, conduzido com aquele *cachet* de graça que é peculiar ao simpatico artista. Chaby dá ao *Carden*, que encarna, um relevo digno de nota pelos tons energicos com que lhe accentua a figura sem lhe perder a feição tipica de um alto funcionario da egejea. Carlos de Oliveira, Judit, Jesuina Saraiva, Gil, Costa, Sarmiento, Pina, Vieira e Sena, todos, nos seus pequenos papeis, correctos.



A cena culminante da peça de Kistemaekers, *La Flambée*, traduzida por Melo Barreto e representada no República.



Sr. Melo Barreto, tradutor de *La Flambée*



O distinto fotógrafo José Fernandes, cujo aniversário natalício com o da fundação do seu magnífico estabelecimento passou em 9 d'Abril.

O distinto fotógrafo F. J. Fernandes, cujos ateliers são dos melhores de Lisboa, celebrou no dia 9 de abril o seu aniversário e o da fundação do seu estabelecimento, sendo felicitado por muitos dos seus amigos e admiradores dos seus excelentes trabalhos.

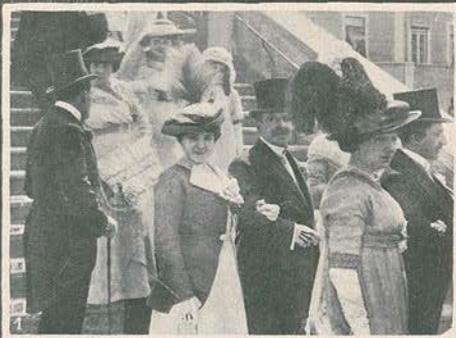
A *Ilustração Portuguesa*, que conta no distinto



A festa em casa do sr. José da Silva Contreiras. As senhoras que tomaram parte na recita.—(Cliché de Benollet)

artista um dos seus mais valiosos colaboradores, regista jubilosamente aquele dia de dupla festa para o proprietário dos ateliers fotograficos do Loreto.

Um Casamento Elegante



1. Alguns dos convidados, saindo da igreja de S. Sebastião da Pedreira, onde se realizou a cerimonia religiosa.—2. A noiva, á entrada da igreja.—3. Depois do enlace: a entrada para a carruagem: A noiva.—sr.ª D. Ondine Berneaud e o sr. Manuel Lobo d'Avila Lima.

O consorcio da sr.ª D. Ondine Berneaud Borges com o sr. Manuel Lobo d'Avila Lima foi uma elegante festa de familia, á qual tambem concorreram a levar-lhe a expressão da sua simpatia, algumas pessoas das relações dos noivos que são dignos de todas as felicidades.



Um terrível ciclone devastou grande parte da cidade de Ohama na America, fazendo mais de 100 mortos, e de 700 feridos.

Uma grande maioria dos habitantes fugiu espavorida diante do furacão que derruiu uma centena de edificios, causando enormes perdas. Era um espetaculo terrível o d'essas casas algumas de muitos andares caindo com estrondo, as arvores abaladas pela ventania, os postes derrubados, tudo aqui levado por uma violencia surpreendente entre gritos, clamores e o fragor das derrocadas.

Ao mesmo tempo os incendios rebentavam danificando 1250 casas e destruindo mais 350 ficando sob as suas ruinas ainda 140 mortos e 250 feridos sendo os prejuizos avaliados em dois mil e quatrocentos contos de réis.

Com a violencia do temporal alguns individuos foram arremçados a grande distancia acontecendo que um rapaz andando a passear no parque da cidade foi atirado para cima d'uma arvore onde ficou meio succumbido,



1. Um rapaz de 24 anos, Franz James, que passeava por Bemis Park, foi levantado e arremçado pelo ciclone para cima de uma arvore, ficando entalado entre os seus ramos.



2. Ruínas da egreja da Congregação de Flymout, situada no centro da povoação de Ohama, que o furacão varreu de um extremo ao outro.

A FESTA NA AMADORA



No parque da Mina: um novo bairro da Amadora que dentro em pouco estará completamente edificado. Depois do descerrar da lapide.

As festas já tradicionais da Amadora revestiram-se este ano d'um brilho excepcional, tendo assistido o Presidente da Republica, que inaugurou um novo melhoramento d'aquela prospera povoação.

O Parque da Mina, cuja lapide o chefe do Estado descerrou, formará no futuro uma nova vila a defrontar-se com a actual, cujos progressos em alguns anos são enormissimos.



2. O chefe do Estado dirigindo-se para o bairro parque da Mina que inaugurou.—3. As creanças das escolas da Amadora durante o «lunch» no recinto dos desportos athleticos.—(Clichés de Benoliel)

NEW YORK



Resplandeces e ris, ardes tumultúas
Na escalada do céu, galgando em furia o espaço,
Sobem do teu tear de praças e de ruas
Briareus de ferro, Eóos de pedra e Brontes de aço.

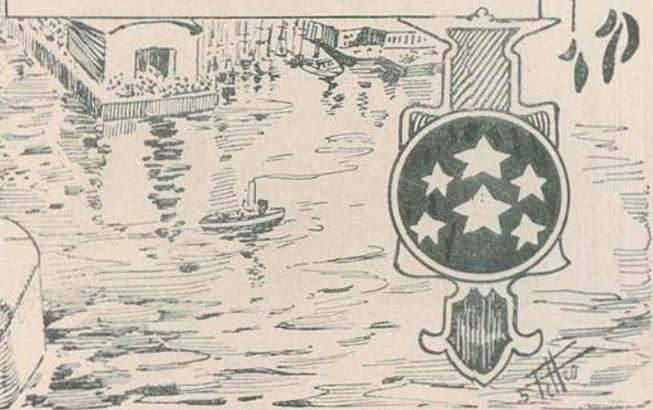
Gloriosa! Prometheu revive em teu regaço,
Delira no teu genio, enche as arterias tuas,
E te combure a entranha arfante de cansaço,
Na incessante criação de assombros em que estúas.

Mas com as Babeis de balde o céu recortas
E pesas sobre o mar, quando o teu vulto assoma
Como a recordação da Theas de cem portas:

Falta-te o Tempo—o vago, o religioso aroma
Que se respira no ar de Lutecia e de Roma,
—Sempre moço perfume ancião de idades mortas.

New-York

OLAVO BILAC.



A missão Mascuraud em Lisboa

Lisboa recebeu a visita da missão Mascuraud, composta por delegados da poderosa Associação de Comercio, Industria e Agricultura de França da qual é presidente aquele ilustre homem politico francez.

Essa agremiação tem ramificações em todos os paizes da Europa e nas varias colonias, onde pretende implantar os produtos francezes na mais util, logica e patriótica das iniciativas.

O fim principal da missão é visitar Marrocos, vêr a situação do novo território francez e estudar de perto a maneira pratica de desenvolver, sob o ponto de vista indus-

trial e comercial, as suas relações com os outros povos.

Portugal, pela sua posição geografica e pelo seu desejo de larga expansão, sobretudo, pela proximidade relativa a que se encontra do grande centro agora em via d'un

enormissimo desenvolvimento, era um dos paizes que a missão devia visitar, para poder, de perto, avaliar do genero de relações a estabelecer para o commercio, industria e agricultura da grande e moderna colonia de França.

Com effeito, recebemos entre nós os quarenta delegados da associação



O senador Mascuraud com outros colegas da missão e o sr. Santos Tavares, secretario do sr. ministro dos negocios estrangeiros no Paço de Cintra.



2. A missão Mascuraud e as senhoras que a acompanharam depois da visita ao palacio historico de Cintra, onde percorreram todas as salas, detendo-se diante das curiosas e interessantes recordações que encerra.

franceza e as impressões que levaram da nossa terra ficaram bem claras e lisongeiramente expressas nas palavras de incitamento e simpatia e nas análises que fizeram de Portugal, para o qual essa visita deve ser de uma grande utilidade.

Visitaram os mais pitorescos arrabaldes de

civilização e, sobretudo, da grande afinidade existente entre o espirito dos dois povos e isso é a segura garantia da proficuidade dos esforços feitos para se conseguir o estabelecimento d'uma corrente comercial entre Portugal e aquele protetorado, agora em via de um largo desenvolvimento.



1. Na Camara de Comercio Franceza: A missão Marcurand no dia da festa n'aquela agremiação. Ao meio, sob o retrato de Loubet, o senador chefe da missão.—2. Durante a visita á Escola Franceza onde são educados os filhos de quasi todos os membros da colonia.

As creanças com alg. ns dos membros da missão.—(Clichés de Benollet)

Lisboa, onde foram sempre simpática e entusiasticamente acolhidos, passaram no nosso formoso Tejo, não se fartando de admirar as suas margens, estiveram n'alguns dos nossos primeiros edificios, viram as nossas obras d'arte, foram testemunhas da nossa

Depois d'um banquete na camara municipal e d'uma «garden party», oferecida pelo presidente da Republica, os membros da missão seguiram para Marrocos, ficando estabelecida assim uma «entente» emtre o nosso paiz e a poderosa associação franceza.

Na „Ilustração Portuguesa”

O concerto da distinta professora de canto, do Porto, sr.^a D. Alexandrina Castagnoli Curado de Brito.



As pessoas que tomaram parte na festa com a sua promotora: 1 sr. José de Brito, 2 sr. Ribeiro Lopes, 3 sr.^a D. Leonor Afalfo, 4 sr. Carlos Quilez, 5 maestro Lorient, 6 sr.^a D. Alexandrina Castagnoli Brito, 7 sr. Julio Caggiani.

No salão da «Ilustração Portuguesa» apresentou-se ao publico lisboeta uma das mais illustres professoras de canto da capital do norte, a sr.^a D. Alexandrina Castagnoli de Brito, cujo talento e aptidões mais uma vez ficaram sobejamente demonstrados com essa audição artistica.

Tomaram tambem parte na festa, além de seu esposo e discipulo sr. José de Brito, que cantou com verdadeira maestria o «raconto» da «Bohemia» de Puccini, a sr.^a D. Leonor

Afalfo, que foi eximia na «Mignon» e nas «Canções portuguezas».

A sr.^a D. Alexandrina Castagnoli, que é tambem uma excelente pianista, acompanhou aqueles trechos e o distinto professor, sr. Carlos Quilez, tocou um solo em violino, assim como o insigne violinista Caggiani executou o «rondó caprichoso», de Saint Saens, acompanhado ao piano pelo maestro Lorient, sendo todos os executantes muito applaudidos.



Durante o concerto: Um aspéto da escolhida assistência que aplaudiu a promotora e os distintos amadores que tomaram parte na festa.—(Clíchés de Benolli)